



6ª. CONFERÊNCIA: OBSERVAÇÕES FINAIS

E agora algumas palavras sobre esse seminário. O ponto de partida. Minha intenção não era lidar com o problema da verdade, mas com o problema de dizer a verdade ou do que diz a verdade como uma atividade. Com isso quero dizer que, para mim, não era uma questão de analisar os critérios internos ou externos que possam permitir a gregos e romanos, ou a qualquer outro povo, reconhecer se uma declaração ou proposição é verdadeira ou não. A questão para mim foi, outrossim, a tentativa de considerar dizer a verdade como uma atividade específica ou como um papel.

Mas, mesmo no âmbito dessa questão geral do papel do narrador da verdade em uma sociedade, havia várias maneiras possíveis de realizar a análise. Por exemplo: eu poderia ter comparado o papel e o status dos contadores de verdade na sociedade grega, nas sociedades cristãs, nas sociedades não cristãs – o papel do profeta como um narrador da verdade, o papel do oráculo como um contador de verdade, o papel do poeta, do perito, do pregador, e assim por diante.

Mas, na verdade, a minha intenção não era realizar uma descrição sociológica dos diferentes papéis possíveis para contadores de verdade em diferentes sociedades. O que eu queria era analisar como o papel do narrador da verdade foi diversas vezes problematizado na filosofia grega. E o que eu queria mostrar era que, se a filosofia grega levantou a questão da verdade do ponto de vista dos critérios para afirmações verdadeiras e raciocínios cogentes, essa mesma filosofia grega também levantou o problema da verdade, do ponto de vista de dizer a verdade como uma atividade. Ela levantou questões como: Quem é capaz de dizer a verdade? Quais são as condições éticas, morais e espirituais que dão direito a alguém se apresentar como e ser

considerado como um narrador da verdade? Sobre que temas é importante dizer a verdade? (Sobre o mundo? Sobre a natureza? Sobre a cidade? Sobre o comportamento? Sobre o homem?) Quais são as consequências de dizer a verdade? Quais são seus efeitos positivos esperados para a cidade, para os governantes da cidade, para o indivíduo, etc.? E finalmente: Qual é a relação entre a atividade de dizer a verdade e o exercício do poder, ou deveriam essas atividades ser completamente independentes e mantidas separadas? São elas separáveis ou uma exige a outra? Essas quatro questões sobre o dizer a verdade como uma atividade – quem é capaz de dizer a verdade, sobre o quê, com que consequências e com qual relação com o poder – parecem ter surgido como problemas filosóficos no final do século 5 em torno de Sócrates, especialmente através de seus confrontos com os sofistas sobre política, retórica e ética.

E eu diria que a problematização da verdade é o que caracteriza tanto o fim da filosofia pré-socrática quanto o início do tipo de filosofia que ainda hoje é a nossa. Essa problematização da verdade tem dois lados, dois grandes aspectos. Um lado está preocupado em assegurar que o processo de raciocínio está correto para determinar se uma declaração é verdadeira (ou preocupar-se com a nossa capacidade de ter acesso à verdade). E o outro lado está preocupado com a questão: Qual é a importância para o indivíduo e para a sociedade de dizer a verdade, de conhecer a verdade, de ter pessoas que dizem a verdade, bem como saber como reconhecê-las? No lado que se preocupa em determinar como garantir que uma afirmação é verdadeira temos as raízes da grande tradição da filosofia ocidental, que eu gostaria de chamar de “analítica da verdade”. E no outro lado, preocupado com a questão da importância de dizer a verdade, de saber quem é capaz de dizer a verdade, e saber por que devemos dizer a verdade, temos as raízes do que poderíamos chamar a tradição “crítica” no Ocidente. E aqui vocês vão reconhecer um dos meus objetivos nesse seminário, qual seja, a construção de uma genealogia da atitude crítica na filosofia ocidental. Isso constituiu o objetivo geral desse seminário.

Do ponto de vista metodológico, gostaria de destacar o seguinte tema. Como vocês devem ter notado, eu utilizei a palavra “problematização” frequentemente nesse seminário sem fornecer-lhes uma explicação do seu significado. Eu disse muito brevemente que o que eu pretendia analisar na maior parte do meu trabalho não era o comportamento nem das pessoas do passado (o que é algo que pertence ao campo da história social), nem ideias em seus valores representativos. O que eu tentei fazer desde

o início foi analisar o processo de “problematização” - o que significa: Como e por que certas coisas (comportamento, fenômenos, processos) tornaram-se um problema? Por que, por exemplo, determinadas formas de comportamento foram caracterizadas e classificadas como “loucura”, enquanto outras formas similares foram completamente negligenciadas em um dado momento histórico? A mesma coisa para o crime e a delinquência. A mesma pergunta de problematização para a sexualidade.

Algumas pessoas interpretaram esse tipo de análise como uma forma de “idealismo histórico”, mas eu acho que essa análise é completamente diferente. Pois quando digo que estou estudando a “problematização” da loucura, do crime ou da sexualidade, isso não é uma forma de negar a realidade de tais fenômenos. Pelo contrário, tentei mostrar que era precisamente algo realmente existente no mundo que foi alvo de regulação social em um dado momento. A questão que se coloca é essa: Como e por que algumas coisas muito diferentes no mundo foram postas juntas, caracterizadas, analisadas e tratadas como, por exemplo, a “doença mental”? Quais são os elementos que são relevantes para uma determinada “problematização”?

E mesmo que eu não venha a dizer que o que é caracterizado como “esquizofrenia” corresponda a algo real no mundo, isso não tem nada a ver com idealismo. Pois eu acho que há uma relação entre a coisa que é problematizada e o processo de problematização. A problematização é uma “resposta” a uma situação concreta que é real.

Há também uma interpretação errônea segundo a qual nossa análise de uma dada problematização está fora de qualquer contexto histórico, como se fosse um processo espontâneo surgido de um lugar qualquer. Na verdade, porém, tentei mostrar, por exemplo, que a nova problematização da doença mental ou da doença física no final do século 18 estava muito diretamente ligada a uma modificação em várias práticas, ou ao desenvolvimento de uma nova reação social às doenças, ou ao desafio apresentado por determinados processos, e assim por diante. Mas temos que entender muito claramente, acho, que uma determinada problematização não é um efeito ou uma consequência de um contexto histórico ou situação, mas é uma resposta dada por determinados indivíduos (embora se possa encontrar essa mesma resposta dada em uma série de textos e a certa altura a resposta possa tornar-se tão geral que também se torna anônima).

Por exemplo, no que diz respeito ao modo que a *parrhesia* foi problematizada em um dado momento, podemos ver que há respostas socrático-platônicas específicas às perguntas: Como podemos reconhecer alguém como um *parrhesiastes*? Qual é a importância de se ter um *parrhesiastes* na cidade? Qual é a formação de um bom *parrhesiastes*? Respostas que eram dadas por Sócrates ou por Platão. Essas respostas não são coletivas, originadas a partir de algum inconsciente coletivo. E o fato que a resposta não seja nem uma representação nem um efeito de uma situação não significa que não responda a nada, que seja puro sonho ou uma “anticriação”. Uma problematização é sempre uma espécie de criação, mas uma criação no sentido de que, dada uma determinada situação, não se pode inferir que esse tipo de problematização se seguirá. Dada uma certa problematização, só se pode entender por qual razão esse tipo de resposta surge como uma resposta a algum aspecto concreto e específico do mundo. Aí está a relação entre pensamento e realidade no processo de problematização. E essa é a razão pela qual acho que é possível dar uma resposta, a resposta original, específica e singular do pensamento a uma determinada situação. E esse é o tipo de relação específica entre a verdade e a realidade que tentei analisar nas várias problematizações da *parrhesia*.